

O CINEMA, MANOEL DE OLIVEIRA E EU / 2016

um filme de João Botelho

Realização, Argumento: João Botelho / **Excertos de filmes de Manoel de Oliveira:** Porto da Minha Infância, 2001; O Dia do Desespero, 1992; Palavra e Utopia, 2000; Visita ou Memórias e Confissões, 1993; Amor de Perdição, 1979; Non ou a Vã Glória de Mandar, 1990; O Meu Caso, 1986; O Pintor e a Cidade, 1956; Aniki Bóbo, 1942; Vale Abraão, 1993; Douro, Faina Fluvial, 1931; A Caça, 1964; Acto da Primavera, 1963; Benilde ou a Virgem Mãe, 1975; Francisca, 1981; Le Soulier de Satin, 1985; Viagem ao Princípio do Mundo, 1997; O Passado e o Presente, 1972; Os Canibais, 1988; Belle Toujours, 2006; O Estranho Caso de Angélica, 2010; O Gebo e a Sombra, 2012 | Filmes de João Botelho: Conversa Acabada, 1981; Um Adeus Português, 1986.

Segmento "A Rapariga das Luvas", escrito a partir de um argumento de Manoel de Oliveira / **Fotografia:** João Ribeiro / **Som:** Paulo Abelho / **Montagem:** João Braz / **Música Original:** Nicholas McNair / **Interpretação:** Mariana Dias, António Durães, Ângela Marques, Maria João Pinho, Leonor Silveira, Marcello Urgeghe, Miguel Nunes.

Produção: Ar de Filmes / **Produtor:** Alexandre Oliveira / **Cópia:** DCP, cor e preto e branco / **Duração:** 81 minutos / **Primeira apresentação pública:** 24 de Abril de 2016, Indielisboa / **Estreia Comercial em Portugal:** 13 de Outubro de 2016 / **Primeira exibição na Cinemateca:** 29 de Janeiro de 2019, Ciclo "Manoel de Oliveira Integral – O Visível e o Invisível."

O Cinema, Manoel de Oliveira e Eu é uma extraordinária viagem através do cinema de Manoel de Oliveira conduzida por João Botelho, que assume claramente a sua voz nesta homenagem póstuma. Num título que evoca "O Cinema" em geral e "Manoel de Oliveira" em particular, o "e Eu" é bem explícito nesta opção por um ponto de vista pessoal, o de uma voz *off* que nos conduz através de uma montagem de imagens e sons, que tem aqui a grande mais-valia de coincidir com a voz de um realizador que privou durante muitos anos com Oliveira e que é um profundo admirador da sua obra.

Trata-se assim da perspectiva de um criador sobre outro criador, cuja relação remonta ao final dos anos setenta e se terá cimentado durante a rodagem de **Conversa Acabada**, longa-metragem de Botelho, para o qual este convidou Oliveira para um pequeno papel. É esse momento que nos é mostrado em filme, mas também numa fotografia de rodagem em que vemos ambos lado a lado, nova clara evocação da relação entre mestre e aluno.

É sobretudo pela montagem de belíssimos e emblemáticos planos extraídos da filmografia de Oliveira, que se sucedem ao longo de cerca de uma hora, que se constrói um filme que, na realidade, se acabará por se dividir em dois filmes distintos. Este primeiro, descrito por Botelho como "Uma viagem ao cinema de Oliveira, ao seu método, ao seu modo de filmar, às suas prodigiosas invenções cinematográficas. Mais de um século de vida, mais de um século de cinema, todo o cinema". Mas também um segundo, filme dentro do filme, curta-metragem de ficção com cerca de vinte e cinco minutos que funciona como um "apêndice" ao que acabámos de ver, em que, como também diz Botelho, "atrevi-me a filmar uma história magnífica que o Manoel amava, mas que nunca filmou, que deixou para trás, como se a mão dele e os seus olhos lá perto de Deus, ou no meio dos Deuses, me conduzissem e, que ainda hoje, ele possa através de mim continuar a filmar".

Começamos pelo "primeiro": organizados de modo não cronológico, os planos escolhidos por Botelho são uma imensa fonte de prazer, convidando-nos a um mergulho profundo na obra de Manoel de Oliveira – a roda de **O Dia do Desespero**, a árvore de **Non**, o genérico de **Benilde**, Leonor Silveira a caminhar por entre as laranjeiras em **Vale Abraão**. Um prazer que conjuga o nosso prazer enquanto espectadores com o prazer que intuímos em Botelho ao escolher estas imagens, entre tantas outras de extraordinária força, e de ter de deixar tantas de fora. É um prazer acrescido pelo modo como as considerações de Botelho, na cumplicidade de quem conhece a fundo o cinema de Oliveira, nos fazem entrar nos fundamentos estéticos de uma obra, sem desprezar toda a história e as histórias que a acompanham: as conquistas, as grandes dificuldades, os momentos verdadeiramente inspirados....

É a partir de uma questão formulada por João Bénard da Costa que Botelho parte para a já referida segunda parte de **O Cinema, Manoel de Oliveira e Eu**. Questão que alude aos muitos anos sem filmar entre as várias "fases" do início da carreira de Oliveira. Vários desses projectos, definitivamente abandonados ou deixados de lado durante décadas (o grande exemplo de *Angélica*, escrito em 1952, que só seria filmado em 2010 como **O Estranho Caso de Angélica**) são bem conhecidos, outros um pouco mais obscuros, e entre eles está *Prostituição*, projecto contemporâneo de **Aniki Bóbo**, escrito por Oliveira em 1940, que não terá contornado as malhas da censura.

Botelho decidiu recriá-lo enquanto filme, dando-lhe o título **A Rapariga das Luvas**, *pastiche* de um filme mudo, que, na realidade, não terá sido concebido enquanto tal. Nem de Oliveira, nem de Botelho, **A Rapariga das Luvas** é um presente do segundo ao primeiro que, na sua assumida fragilidade, homenageia sobretudo a liberdade de fazer cinema. É assim na primeira parte de **O Cinema, Manoel de Oliveira e Eu** que encontramos a grande homenagem a Oliveira expressa pelo modo como Botelho faz reviver as suas imagens e sons, num trabalho de montagem que evoca os grandes momentos da criação.

Joana Ascensão